



# Encontros com Vieira: uma leitura analítica interdisciplinar

Rosa Assis\* - UNAMA

Sérgio Sapucahy\*\* - UNAMA/UEPa

## 1 Os encontros

Estamos comemorando o quadringentésimo aniversário do padre Antônio Vieira, nascido em Lisboa, em 6 de fevereiro de 1608, momento propício para que todos os estudiosos de sua obra manifestem-se em artigos e ensaios, apresentando aos leitores novas veredas para os que, privilegiadamente, têm acesso gozoso aos muitos sermões e a imensa obra epistolar. Não sendo articulista nem ensaísta, ousou denominar-me cronista para, mais uma vez, – espero que haja muitas outras – abrir meu baú da memória e da saudade e resgatar, nele, meus encontros com tão eminente prosador, com certeza, o melhor dos seiscentos e, indubitavelmente, um dos maiores de nossa língua, em todas as faces da lusofonia.

Abro-o e, como quase sempre acontece, e há de acontecer, estou em uma sala de aula do meu curso primário, onde imperava, absoluta, a primeira das grandes mestras que a vida me possibilitaria conhecer. Se não me falha a memória, cursava a 3ª série, nível escolar em que, obrigatoriamente, toda a garotada deveria saber ler, produzir pequenas descrições e historietas a partir de uma gravura colada no quadro-negro (era negro mesmo), saber a tabuada, resolver problemas com as quatro operações, conhecer fatos históricos, situar-se no espaço em torno de si, que ia da rua onde morava até a Conchichina.

É claro que a maioria da turma, sob a batuta de regente tão competente, e ao mesmo tempo rigorosa, fazia coro harmonioso nas aulas das diferentes disciplinas ministradas por uma só professora, que possuía notável saber enciclopédico.

\* Rosa Assis: Professora Dra. da UNAMA.

\*\* Sérgio Sapucahy: Mestre em Teoria Literária; professor da UNAMA e da UEPA.

Mas, (sempre há um mas, um porém, um contudo...) pequena parte do coro desafinava. E, nesse pequeno grupo, estava o colega J., o filho do peixeiro do bairro. J. tinha grande dificuldade de memorização. Nossa regente já conseguira transformá-lo, e muito, na higiene pessoal. E depois dos presentes que dela recebeu, tornou-se o mais cheiroso entre nós. Porém, no quesito memorização, desafinava mesmo.

Foi então que, num dos raros momentos, em que a saudosa Miltolina perdeu sua santa paciência; ela se exasperou e disse: "Com você, meu filho, só se ocorrer um novo 'estalo de Vieira.'"

Estalo de Vieira, a expressão ficou martelando na minha cabeça. Seria esse Vieira o da trindade dos mais importantes jesuítas do Brasil, que estudáramos nos Governos Gerais?

Tímido e meio sonso, qualidade e defeito que me construíram, perguntei, na primeira oportunidade, à mestra, quem era esse Vieira do estalo. Ela confirmou minha suspeita, era o jesuíta Antônio Vieira que, tacanho na fase infanto-juvenil, implorara à Nossa Senhora que tirasse de sua mente o véu espesso que encobria sua inteligência.

Dessa forma, graças ao J., encontrei-me pela primeira vez com o padre Vieira, heroicizado, visto que, nos estudos de História daquela época, valorizava-se, e muito, os heróis nacionais, no caso do padre, luso-brasileiro.

O tempo passa rápido na infância e na juventude, embora, paradoxalmente, não o reconheçamos e queiramos que passasse mais rapidamente. É o que chamo de ânsia de liberdade.

Reencontrei-me com Vieira nas seletas do ginásio, onde ele aparecia ao lado do padre Bernardes, como expoentes da prosa dos seiscentos. Nessa ocasião, apesar de estar diante de textos modelares, a forma do dizer, ou seja, a linguagem escrita dos padres, afastava-me deles. Embora já fosse ávido leitor dos textos em prosa, estava, à época, impregnado pelas crônicas rodrigueanas, nas páginas da Última Hora, de Samuel Wainer, nas quais bebia a luxúria propiciada pelo cotidiano da classe média suburbana em *A vida como ela é*.

Porém esse afastamento seria curto, porque o curso de Letras na FAHUPE, Faculdade de Humanidades do Colégio Pedro II, fez-me compreender que a Literatura era um mundo muito maior do que o conhecimento construído por mim até então. Isso me faz lembrar de um dos meus "heróis" preferido, Policarpo Quaresma, na cena em que seu chefe, um coronel do Exército, menospreza o saber literário do amanuense nacionalista:

*[...] Não sabe! Como é que o senhor ousa dizer-me isto! Tem o senhor porventura o curso de Benjamim Constant? Sabe o senhor Matemática, Astronomia, Física, Química, Sociologia e Mora? Como ousa então? Pois o senhor pensa que por ter lido uns romances e um francesinho aí, pode ombrear-se com quem tirou 9 em Cálculo, 10 em Mecânica, 8 em Astronomia, 10 em Hidráulica, 9 em Descritiva? Então?!" (Triste Fim de Policarpo Quaresma, Lima Barreto. São Paulo: Ática, 1989, p.55)*

Ainda muito distante do saber enciclopédico do “herói” de Lima Barreto, sentia que qualquer um daqueles grandes mestres que nos ensinavam, poderia transformar o pretensioso suburbano, que eu representava, em uma barata, diferente daquela de Kafka, dessas que se esmaga com nojo ou prazer.

Imaginem, por exemplo, a infinita distância que separava o meu saber literário do saber do professor Eduardo Portela, figura elegantíssima, um verdadeiro dândi, pelo qual minhas colegas suspiravam uma vez por mês, quando ele nos brindava com suas aulas-conferências. Mas no curso de Letras da FAHUPE, o espaço aberto para Vieira, tanto nas aulas de Literatura Brasileira quanto nas de Portuguesa, foi mínimo e a prosa vieiriana ficou apenas como referência.

O segundo grande encontro deu-se muito depois, em 2003, quando, junto com a colega Ruth Abjedid preparávamos um curso de Leitura e Produção de Texto, semipresencial, para a especialização em Estudos Lingüísticos e Análise Literária. Naquela ocasião, tratávamos do texto argumentativo, suas características e sua natureza persuasiva. Buscávamos um autor exemplar e o encontramos no padre Antônio Vieira, nos seus magníficos sermões. O texto do jesuíta encaixava-se com precisão na nossa necessidade de exemplificar o discurso argumentativo. Selecionamos, então, o seguinte excerto do Sermão do Mandato:

*[...]A segunda ignorância que tira o merecimento ao amor, é não conhecer quem ama, a quem ama. Quantas coisas há no mundo muito amadas, que se as conhecesse quem as ama, haviam de ser muito aborrecidas! Graças logo ao engano, e não ao amor. Serviu Jacó os primeiros sete anos a Labão, e ao cabo deles, em vez de lhe darem a Raquel, deram lhe a Lia. Ah enganado pastor e mais engano amante! Se perguntarmos à imaginação de Jacó por quem servia, responderá que por Raquel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que é, e o que há de ser, dirá com toda a certeza que serve por Lia. E assim foi. Servis por quem servis, não servis por quem cuidais. Cuidais que os vossos trabalhos e os vossos desvelos são por Raquel, a amada, e trabalhais e desvelai-vos por Lia, a aborrecida. Se Jacó soubera que servia por Lia, não servira sete anos nem sete dias. Serviu logo ao engano e não ao amor, porque serviu para quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta história no teatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão na mesma! A mesma que na imaginação é Raquel, na realidade é Lia; e não é Labão o que engana Jacó, senão Jacó o que se engana a si mesmo. Não assim o divino amante, Cristo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Raquel, mas amava a Lia conhecida por Lia. Nem a ignorância lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objeto ao trabalho. Amou e padeceu por todos, e por cada um, não como era em que eles fossem, senão assim como eram.[...].*

Como se vê, uma complexa arquitetura sintática, ensejando o sentido da confirmação do amor maior de Cristo, sempre verdadeiro, ou seja, conhecedor dos pecadores e de seus pecados. Essa arquitetura sintática levou-nos a retomar esse mesmo excerto, em outra disciplina da especialização, Sintaxe e Leitura, para estabelecer a comparação entre o texto renascentista/ maneirista de Camões ( Sete Anos de Pastor ) e o barroco conceptista e também cultista de Veira, ao abordarem o mesmo tema do amor.



E agora, em um terceiro encontro, nos envolvemos nos festejos acadêmicos alusivos ao quarto centenário do nascimento do padre Antônio Vieira e o reencontramos, movidos pelo desejo didático / pedagógico de estabelecer uma ponte a permitir que o conhecimento lingüístico do estudante do século XXI possa alcançar os clássicos dos seiscentos. Essa ponte é um exercício de um método analítico, por nós chamado de Caminhos para a Leitura do Texto Poético, aplicado a um corpus constituído de excertos da primeira parte do Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda.

Esse método compreende a leitura temática, baseada nas lições de Fiorin e Platão, do concreto ao abstrato e vice-versa; na leitura dos estratos ótico, fônico, morfo-sintático e retórico, conforme ensina Maria Luiza Ramos, em *Fenomenologia da Obra Poética*; e na leitura da polifonia, de acordo com Bakhtin e seus seguidores.

## **2 Caminhos para a leitura dos textos de Vieira e de tantos outros**

### **2.1 A Leitura Temática**

Ao percorrermos esse caminho, encontramos com textos ora predominantemente figurativos ora temáticos. Essa predominância distingue duas importantes formas do discurso: o narrado, no primeiro caso e o relatado, no segundo. Para Fiorin e Platão, figurativos são aqueles construídos com predominância de figuras, ou seja, palavras concretas, já nos temáticos a predominância é das palavras chamadas de abstratas.

Como estamos garimpando no baú da memória, essa relação entre concreto e abstrato nos leva às lições no início do curso primário, quando era “necessário” distinguir os substantivos em concretos e abstratos. Ora, para uma criança, concreto é tudo aquilo que tem existência real no mundo, o que se pode pegar, cheirar, ver, enfim o que se comprova pelos sentidos; já o abstrato é o que não se comprova pelos sentidos. Assim, para ela, cadeira é concreto e Deus é abstrato, ainda que o homem, ao longo da história, tenha procurado representá-lo.

Fiorin e Platão ampliam o conhecimento restrito aos substantivos e o faz abranger todas as palavras lexicais. Assim, além dos substantivos, adjetivos, verbos, advérbios podem ser concretos e/ou abstratos. Afirmam que esses são categorias da linguagem e não da realidade

Ao encetarmos a leitura dos Sermões de Vieira, particularmente o do *Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*, constatamos, de pronto, que o jesuíta apropria-se do figurado em um texto cujo propósito é temático. Essa forma de buscar convencer, assemelha-se aos discursos de Cristo, conforme registram os evangelistas. Cristo se valia da parábola para convencer letrados e não letrados da Judéia; Vieira vale-se do texto bíblico, a mais das vezes, seja do Antigo ou do Novo Testamento.

Mas, como sabemos, os textos, de diferentes gêneros não se limitam ao sentido que se encontra na sua superfície; deles emerge o não dito, os sentidos implícitos, pressupostos e subentendidos. E como leitores inquietos, vamos em busca desses sentidos, a partir da relação concreto/abstrato. Poderíamos examinar excertos de diferentes partes do Sermão, ou apenas da 1ª parte, mas isso

faremos mais adiante na leitura dos estratos. Aqui tomaremos, como objeto de nossa análise, apenas o título, *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*, com a expectativa de que ele, por si só, possa sintetizar os sentidos de todo o Sermão.

Começamos por verificar se as palavras lexicais do título, na sua maioria, podem ser consideradas como concretas ou abstratas. Assim temos:

- SERMÃO:** 1. discurso religioso pronunciado no púlpito por um predicador, especialmente católico; prédica, pregação, pregação.
2. discurso moralizador, geralmente longo e enfadonho.
3. qualquer fala com o objetivo de convencer alguém de algo.
4. admoestação em tom severo; repreensão descompostura.

(HOUAISS, 2000, 2555)

A consulta nos mostra sermão como ato de fala, de natureza religiosa ou não. Em nossa prática religiosa, vemo-lo como a explicação da palavra de Deus para os fiéis que, por si só, não conseguiram significá-la, daí hoje o que o rito católico chama homilia. Podemos dizer que, nos sermões modernos, o pregador interpreta o texto bíblico e explicita os temas subjacentes: amor, solidariedade, caridade, fidelidade...

Mas, no caso do padre Vieira, o sermão, já na pregação, é texto escrito, que, depois de décadas, submetido à acurada revisão do autor, foi dado à publicação e, por isso, podemos dispor dele muitos séculos depois.

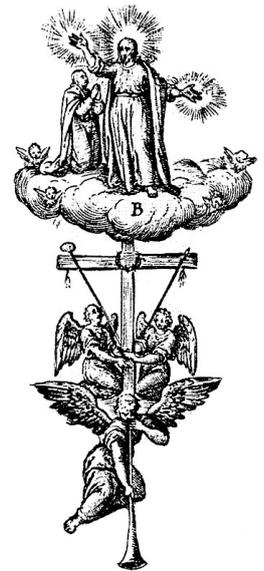
Valendo-nos do que registra Houaiss, temos sermão como discurso religioso, longo (mas nunca enfadonho), com o propósito de convencer alguém. A leitura do *Sermão do Bom Sucesso...* mostra, logo nos seus primeiros parágrafos, que Vieira, em sua pregação, dirige-se não aos fiéis que enchem a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, a 10 ou 11 de maio 1640, mas a Deus, em contundentes apóstrofes. Os fiéis estão há várias semanas, ouvindo as pregações dos jesuítas, conclamando-os a ter fé e acreditar em que o Senhor irá salvá-los do cerco que a esquadra holandesa impõe à cidade de Salvador.

Porém nenhum dos pregadores impressionou tanto os fiéis quanto esse 15º, o padre Vieira. Ele pouco se dirige aos fiéis. Seu interlocutor é Deus, de quem cobra, não pede, a derrota dos hereges holandeses. Portanto temos, aqui, sermão como palavra concreta, embora vinculada ao abstrato (pregação): uma peça religiosa, real no mundo natural, mas que aspira persuadir Deus, para o pregador, nesse momento, dividido entre as duas correntes em que os homens transformaram o Cristianismo – catolicismo e protestantismo. Persuasão é o tema que recobre todo o sermão.

#### **BOM:**

Entre as dezessete acepções registradas no Houaiss, julgamos que a seguinte é a que melhor se ajusta com o título do sermão: 13. o que se deseja, o que faz bem, o que é perfeito ou superior. (Idem, 2000, p.483)

Esse adjetivo, normalmente abstrato, cujo significado reporta “ao que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado, ou esperado quanto à sua natureza, ade-



quação, função, eficácia, funcionamento etc”, é modificador importante, acrescentando traço positivo ao modificado. Ao fazer parte do sintagma *Bom Sucesso*, cujo sentido causa certa estranheza ao leitor de hoje, visto que, para nós, a palavra “sucesso” já incorporou o traço positivo, o que torna, modernamente, redundante o sintagma referido.

### **SUCESSO:**

Das cinco acepções dicionarizadas, selecionamos duas que se aplicam ao significado da palavra no título.

1. aquilo que sucede, acontecimento, fato, ocorrência.
2. qualquer resultado de um negócio, de um empreendimento.

Acreditamos serem essas acepções de “sucesso”, antes de incorporar, ao correr dos séculos, a idéia de êxito.

Em razão dessas considerações particularizadas sobre “bom” e “sucesso”, podemos ler o sintagma “Bom Sucesso”, como o desejo do sermonista de que os portugueses sejam vitoriosos na luta contra os holandeses; por conseguinte mais abstrato do que concreto.

### **ARMAS:**

Com evidente emprego metonímico, fruto da pluralização, encontramos, no Houaiss, (2000, 289), a significação precisa para o uso dessa palavra no título.

6. as forças armadas de um país, na época limitada à marinha e ao exército (mar e terra).

Ou seja, as “armas” são o poder bélico de cada um dos países em confronto; por certo um substantivo concreto.

### **PORTUGAL:**

Não há necessidade de recorrer ao dicionário para significar Portugal como uma nação ibérica, voltada para o mar, um dos redutos mais fortes do catolicismo e que, em 1640, está submetida ao jugo espanhol, também catolicismo, devido à desastrosa campanha do rei Dom Sebastião contra os mouros do Norte da África. Entretanto é também em 1640 que ocorrerá a Restauração, com a ascensão ao trono português de Dom João IV. A análise desse componente histórico é importante para a compreensão do ânimo (espírito pensante, alma) que integra o sermonista lusitano, ao questionar Deus.

### **HOLANDA:**

Em largo período do século XVI, a Holanda e outros territórios do Norte da Europa estavam sob o domínio espanhol. Ao mesmo tempo, Espanha e Inglaterra digladiavam pelo domínio do mar, até que a chamada “Invencível Armada” foi fragorosamente derrotada pelos ingleses comandados pelo almirante Néelson. Só em 1581, a Holanda conquista a independência, com a proclamação da República das Províncias Unidas, cuja capital, Amsterdã, já se tornara importante centro comercial (Companhias das Índias Ocidentais e das Índias Orientais).

Em represália a essa independência, Felipe II proíbe o comércio entre as colônias espanholas (incluindo o Brasil) e a Holanda. Isso atingiu em cheio o comércio entre o Brasil e a Holanda, sobretudo se considerarmos que, à época, a Holanda respondia pelo transporte, refino e distribuição do açúcar brasileiro na Europa.

Tornam-se claros os motivos das Invasões Holandesa no Brasil (Bahia: 1624-1625) e Pernambuco (1630-1654) e, conseqüentemente, o cenário de 1640, quando Vieira prega o *Sermão do Bom Sucesso das Armas de Portugal* contra as de Holanda: Salvador sitiada pelos holandeses.

### **ARMAS DE PORTUGAL CONTRA AS DE HOLANDA:**

Essa beligerância explicitada nesse sintagma vai além das questões econômicas, motivo por que a destacamos nessa leitura do título do Sermão.

Contando com a colaboração do eminente historiador paraense Geraldo Mártires Coelho, confirmamos aspectos da relação política entre a colônia do Brasil, a metrópole Portugal e Holanda, arquitetadas por Vieira, dos quais suspeitávamos. Do texto "Vieira e a Holanda" que o professor Geraldo, gentilmente, disponibilizou-nos, destacamos os seguintes aspectos que, como leitura de mundo, julgamos fundamentais à conclusão da leitura temática que nos propusemos fazer do título do sermão.

Quando Vieira sobe ao púlpito em maio de 1640, já o faz messianicamente, embora sua pregação brade por castigo inquestionável aos hereges holandeses. No entanto, poucos anos depois, já na Europa, encontramos Vieira na Holanda, como enviado especial de D.João IV para negociar a retirada dos holandeses da capitania de Pernambuco, mas é importante ressaltar que as ações do jesuíta vão além dessa questão e compreendem também o contato com os judeus acolhidos naquela parte do continente europeu. Os procedimentos de Vieira são do conhecimento do rei e contam com a aprovação dele até 1656, quando morre o monarca português. A partir desse momento, Vieira terá de enfrentar seus inimigos dominicanos que o acusarão da prática de heresias, o que culminará com sua reclusão, em 1665, e julgamento pelo tribunal da Santa Inquisição de Coimbra, cuja sentença, em dezembro de 1667, cassa-lhe a palavra e o mantém recluso até 12 de junho de 1668, quando recupera a liberdade.

O fato é que o padre Antônio Vieira não só nutre simpatia pelos judeus de Amsterdã, uma ilha de liberdade numa Europa sitiada pelas forças da Contra-Reforma, como também imagina podê-los integrar ao catolicismo na construção de um mundo novo.

Em uma outra estada, em Amsterdã, em 1648, o jesuíta mantém contato próximo com o rabino Menasseh ben Israel, português natural da ilha da Madeira, onde nasceu e fora batizado com o nome de Manuel Dias Soeiro. Vieira conhece, então, o pensamento do rabino, do qual o filósofo Spinoza viria a ser discípulo, pensamento que será registrado no livro "Esperanças de Israel", impresso em 1650, no qual Ben Israel advoga a universalidade da religião e cultura hebraica. É grande a influência da obra do rabino em Vieira, ao ponto de fundamentar a famosa carta "Esperanças de Portugal", dirigida ao bispo do Japão, jesuíta André Fernandes, com o fim de confortar a rainha, viúva de D. João IV. Dessa carta, escrita em 1659, em Cameté, Pará, emerge a "a primeira grande imagem do sistema profético de Vieira: o messianismo do Quinto Império".



Certamente, no Vieira de 1640, do Sermão das Armas de Portugal contra as de Holanda, já está latente a idéia do retorno de Portugal às glórias alcançadas no século XVI (haja vista a Restauração e a descoberta, finalmente, do ouro no Brasil), ou seja, a ascensão de Portugal ao topo do mundo, como ocorrera com Roma na Antiguidade.

Com essas lições, recebidas do professor Geraldo Coelho, ampliou-se, e como, nosso conhecimento de mundo, ao ponto de considerarmos o Sermão do Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda, a partir da leitura desse título, como veículo, hoje diríamos mídia, de um projeto de Vieira para o futuro de Portugal, a quem tanto amava.

Do jogo verbal entre concreto e abstrato, presente no título do sermão, ampliado, e muito, pelo conhecimento de mundo alargado, ao ponto de tornar essa leitura interdisciplinar, cremos ter construído uma imagem bastante próxima da realidade do padre Antônio Vieira: o missionário, defensor ardoroso da causa do índio contra os colonos do Brasil, ao ponto de ser chamado pelos silvícolas de Paiçu (pai grande), e, com menos intensidade, mas com a condição de precursor, o defensor dos negros escravos, o político que sonha com um cristianismo universalizado, abrangendo europeus, judeus e índios, projeto que, segundo ele, caberia tão somente a Portugal pôr em prática.

Desse projeto messiânico, nasce o Sebastianismo que, conforme nossa opinião, só termina, de fato, em 1974, com a Revolução dos Cravos.

Assim acreditamos ter alcançado nosso objetivo de fazer uma leitura temática do título do sermão por nós escolhido. E o tema, perguntará, por certo, nosso possível leitor? E nós respondemos: o retorno do povo português ao poder anterior ao desastre de Alcácer Quibir. A este somam-se subtemas como o claramente explicitado no sermão: a supremacia do catolicismo sobre o protestantismo.

## 2.2 A Leitura dos Estratos

### 2.2.1 *O estrato ótico*

Ao olharmos o *Sermão do Bom Sucesso...* e também todos os outros, pouco podemos significar. A edição, a que estamos tendo acesso, por exemplo, mostra-nos uma capa com o que parece ser uma coluna ou um totem. Talvez pretenda ressaltar o poder do discurso de Vieira, cujo nome é destacado em um fundo negro. Já no livro "Vida do Padre Antônio Vieira", de João Francisco Lisboa, o título aparece entre colunas greco-romanas, para destacar a idéia de que se trata de um clássico, visto tratar-se do XIX volume da coleção Clássicos da Jackson. Muito provavelmente, as capas das primeiras edições do Sermões devem ter tido um tratamento gráfico mais significativo. A visualização dos sermões em nada difere do tratamento dado, modernamente, aos textos em prosa. Porém o leitor não pode ignorar o tratamento visual dado às inúmeras citações latinas, sempre em itálico. Embora sem criar grandes possibilidades de significações no texto em estudo, ressaltamos a importância do estrato ótico na leitura de textos do Simbolismo, Modernismo e, sobretudo, do Concretismo, em razão da busca de um iconismo da escrita.

## 2.2.2 O estrato fônico

A exemplo do que se passou com Sérgio Sapucahy, meu encontro ou ‘desencontro’ inicial, ainda como estudante, com Padre Antônio Vieira, se deu em uma das aulas no antigo curso clássico do Colégio Estadual “Paes de Carvalho”. Meu professor de Literatura, à época, falava com entusiasmo nos textos de Vieira, em seus sermões, a ponto de despertar em cada aluno a vontade de conhecer aquele ‘padre’, se assim posso dizer. Mas uma pergunta feita pelo professor me intrigou. Dizia ele: “Qual a diferença entre ‘sermão’ e ‘homilia’?”

Pronto!, fiquei eu sem saber, àquela altura, a diferença entre as duas palavras; para mim, tudo era somente sermão, pois, quando menina, ouvia na missa aos domingos e lembrava-me que durante a semana a ‘professora de catecismo’ dizia para fazermos silêncio durante o sermão, e como as aulas eram na mesma igreja, a mestra apontava para o púlpito – alto para nossos olhos e distantes para nossas interpretações – . Aos domingos, olhava o púlpito e ouvia a fala do padre: era sermão e PRONTO.

Para que me confundir, meu Deus!!!

Mais tarde, já como ‘professora’ de Língua Portuguesa, no nível médio, e aluna ainda do primeiro ano do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, consultando as gramáticas de língua portuguesa para fundamentar as aulas, aqui, ali, me defrontava com passagens de Sermões de Vieira, pois serviam de suporte para exemplos dos mais variados assuntos abordados pelos gramáticos. Entretanto, apenas vinha entre parêntesis o nome Vieira, sem referência à obra de cuja citação o gramático se valeu. Os exemplos abaixo ilustram o uso facultativo do emprego da preposição em verbos transitivos direto. Mais tarde, como se fosse uma pesquisa, encontrei na leitura dos Sermões aqueles exemplos e assim, completei a informação – As passagens foram extraídas do *Sermão de Santo Antônio aos peixes*.

“...enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra.” (Vieira)

“...o verdadeiro conselho é calar, é imitar a Santo Antônio.” (Vieira)

Encontro, e por certo o mais forte, foi ouvir em minha casa o “Padre Vieira”, pois fora um dos escritores prediletos de meu pai. Papai lia, conhecia, admirava, e por vezes até ‘declamava’ Vieira procurando dar uma entonação própria ao ato da fala. Particularmente, para mim, era como se eu estivesse ouvindo as “vozes veladas”, porém de padre Antônio Vieira. Como leitor de Vieira, papai era possuidor, ainda, das Cartas de Vieira, em edição de João Lúcio de Azevedo. Padre Vieira acabava como que balizando, dentre outros escritores, o rigor formal com que nosso pai escrevia, e que procurou passar aos seus filhos.

Não parou por aí. Certo dia, ganhei de papai *Os sermões que Vieira pregou no Pará*, trabalho feito por seu amigo, de muitas datas, Eidorfe Moreira, e que fora publicado, em sua primeira edição, pela Imprensa Universitária, em Belém-Pará, no ano de 1970, e, incluído posteriormente, (em convênio com o Conselho Estadual de Cultura e Secretaria de Estado de Educação (Cejud), 1989) em *Obras Reunidas de Eidorfe Moreira* (v. IV).



E nessa primeira edição, livro de apenas 23 páginas, lá estavam: *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*, *Sermão na Madrugada da Ressurreição*, *Sermão da Ressurreição de Cristo*, *Sermão de Nossa Senhora da Graça*. Ora, ter os sermões e conhecer pessoalmente Eidorfe foi um passo para a leitura de todos eles, Sermões; assim, colher os frutos plantados em terreno tão pequeno, amadurecê-los e deliciá-los foi mais um passo, ou melhor, um virar de página.

A título de ilustração, transcrevo aqui as conclusões de Eidorfe, aquando da análise acurada e profunda dos Sermões acima referidos.

“Em face do exposto, concluímos que:

1 – De acordo com o que consta em suas obras, Vieira pregou quatro (4) sermões no Pará. É provável que tenha feito outras pregações, e há fortes presunções neste sentido, mas se as fez não as literalizou, ou pelo menos não as incluiu no seu sermonário.

2 – Os mencionados sermões foram pregados na igreja matriz, hoje Catedral Metropolitana de Belém. A despeito da tradição em contrário, não figuram em seu sermonário pregações noutra igreja, havendo contudo possibilidades de tal ocorrência.

3 – Tanto sob o ponto de vista estilístico como dialético, esses sermões não diferem dos demais do grande orador. Num meio culturalmente muito atrasado, como era Belém da época, Vieira pregou no mesmo estilo e com a mesma grandiloquência com que o fez nos centros da Europa.

4 – Com uma única exceção (*Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*), esses sermões não refletem fatos ou motivações locais, oferecendo portanto pouco interesse sob o ponto de vista mesológico, ao contrário do que acontece com as cartas do pregador.

5 – Os sermões de Vieira mais relacionados com o Pará, exceto o já citado no item anterior, foram pregados fora das terras paraenses, em São Luís do Maranhão e em Lisboa, destacando-se entre eles o *Sermão da Epifania*, o mais paraense e amazônico dos seus sermões. (op. cit. p.19)

Com esta ‘bagagem’, foi muito mais fácil, já por volta do terceiro ano da Universidade de saber que Vieira não era apenas aquele que estava nas páginas das gramáticas tradicionais, (como muitos outros escritores, não só da literatura portuguesa, como da brasileira), nem no ‘céu da Igreja’, em um púlpito ou mesmo em um descampado, e sim que Vieira era muito mais. Era não, é o mestre dos ensinamentos, das lições políticas, sociais, culturais, da união de povos, da harmonia sem submissão, defensor dos pobres e oprimidos. Por tudo isso, continua sendo o grande pregador de todos os tempos, que marcou a história e o cenário paraense.

Agora a Universidade da Amazônia – Unama – celebra o **Ano Vieira** e a forma, como cheguei a este texto-homenagem, foi a surpresa do convite feito a mim por meu colega Sérgio Sapucahy para, juntos, termos mais este encontro com Vieira.

Os quadros acima pintados, antes de pretenderem qualquer vôo mais elevado às dimensões da oratória vieiriana, reúnem fragmentos de minha memória em torno do grande pregador do barroco português.

### 2.2.3 O leitura do estrato fônico

A inclusão de excertos de 'cânticos religiosos', ou melhor, de Salmos e sua versão para a língua portuguesa, que ilustram os Sermões de Padre Antônio Vieira, (neste estudo, parte I do *Sermão do Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*), conferem a esses uma sonoridade particular, em especial, por ser usado em suas pregações, num convencimento da palavra pelo ritmo carregado de entonações, de rimas, de combinações lexicais que marcam os compassos do estilo de Vieira. Tratam-se de escritos burilados, harmônicos, cuja polifonia de vozes emana naturalmente de suas palavras, ao lado da expressividade que a leitura, em si, já nos mostra, mediante as naturais e espontâneas pausas respiratórias.

Como afirma Hênio Tavares em sua *Teoria Literária* (op. cit. p.177) "na linguagem há sempre um ritmo, seja ela falada ou escrita, em prosa ou em verso. O ritmo na escrita só pode ser percebido visualmente, através de sua representação gráfica e simbólica. Mas a interpretação do simbolismo gráfico, quando sua leitura é feita em voz alta, desperta certos elementos de natureza essencialmente orais (como a altura, o timbre, o andamento), aclarando ainda mais a sensação do ritmo, pela entonação."

A esse natural jogo de alternâncias entre sílabas fortes e sílabas fracas, emanadas do significante, inclui-se uma seqüência de sílabas fortes, como no ritmo da poesia clássica, a exemplo dos ritmos espondeu, troqueu e molosso. Tais ecos são formados pelas vozes do autor e dos ouvintes, como em um coro, como se pensamento e linguagem de ambos trabalhassem (autor/ouvintes) com as mesmas emissões de vozes.

Nestas passagens marcaremos somente as vogais soltas e as sílabas fortes, pois as demais são fracas.

Exūrgě, quārě ōbdōrmīs, Dōmīnĕ? Exrūgě, ět nĕ rĕpĕllās ĩn fĭnem. Quārě fācĭēm tūās āvērtīs? Ōblīvĭscĕrĭs ĩnŏpĭāe nōstrāe ět tribulatiōnis nōstrae?  
Exūrgě, Dōmīnĕ, ādjŭvā nōs, ět rĕdĭmĕ nōs prŏptĕr nōmĕm tūŭm (1).

Levānta-te, por que dōrmes, Senhór? Levānta-te e nāo nos desampāres para sĕmpre. Por que apārtas teu rŏsto, e te esqueces da nōssa miséria e da nōssa tribulaçāo? Levānta-te, Senhór, ajŭda-nos, e resgāta-nos por amŏr de teu nŏme (Sl. 43,23,24,26).

XXXX

Dĕŭs, āŭrĭbŭs nōstrĭs āŭdvĭmŭs; pātrĕs nōstrĭs ānnŭntĭāvĕrŭnt nŏbĭs, ōpŭs quŏd ōpĕrā tŭs ěs ĩn dĭĕbŭs ěŏrŭm, ět ĩn dĭĕbŭs āntĭquĭs (2)

Nŏs, ō Dĕus, com as nŏssas orĕlhas ouvĭmos: nŏssos pāis nos anunciāram a ōbra que fizĕstes nos dĭās dĕles e nos dĭās antĭgos (Sl. 43,2).



Mānūs tuā gēntēs dispēdidit, ēt plāntāstī ēos: āfflīxistī pōpūlōs, ēt expūlistī ēos (3):

A tua mão exterminou as gentes, e os plantaste a eles; e afligiste os povos, e os lançaste fóra (Sl. 43,3).

XXXX

Nēc ēnīm īn glādiō sūō pōssēdērūt tērrām, ēt brāchiūm eōrūm nōn sālāvīt ēos, sēd dēxtērā tuā ēt brāchiūm tuūm, ēt illūmīnātiō vultūs tui, quōnīam complācūistī īn ēis (4):

Porque não com a sua espada que possuíram a terra, e o seu braço não os salvou, senão a tua destra, e o teu braço, e a luz do teu rosto, porque te comprazeste neles. (Sl. 43,4).

XXXX

Nūnc āūtēm repūlistī ēt cōnfūdīstī nōs, ēt nōn ēgrēdiērīs, Dēūs, īn virtūtībūs nōstrīs (5):

Mas agora tu nos lançaste fóra e cobriste de confusão, e tu, ó Déus, não andarás à testa dos nossos exércitos (Sl. 43,10).

XXXX

Āvērtīstī nōs retrōrsūm pōst īnīmīcōs nōstrōs; ēt quī ōdērūnī nōs dīrīpībānt sībī (6):

Tu nos fizeste voltar às costas a nossos inimigos, e que fôssemos presa dos que nos tinham em aborrecimento. (Sl. 43, 11).

XXXX

Dēdistī nōs tānquām ōvēs ēscārūm, ēt īn gēntībūs dispērsīstī nōs (7)

Tu nos entregaste como ovelhas de matadouro, e nos espalhaste entre as nações (Sl. 43,12).

XXXX

Pōssūistī nōs opprōbrīūm vīcīnīs nōstrīs, sūbsānnātīōnēm ēt dērisūm hīs quī sūnt īn cīrcūitū nōstrō (8)

Puséste-nos por opróbrio aos nossos vizinhos, por escárnio e zombaria àqueles que estão ao redor de nós (Sl. 43,14).

XXXX

Tū ēs īpsē Rēx mēūs ēt Dēūs mēūs, quī mādās sālūtēs Jācōb (9).

Tu mesmo és o meu rei e meu Deus que dispões as salvaçãoes de Jacó (Sl. 43,5).

xxxx

Vöľö enĩm ĩn tē, ět ĩn sēmiňě tũđ ĩmpēřĩũm mĩhĩ stābĩľĩřě (10)

Quero estabelecér em e na túa descedência o méu império.

xxxx

Dõmĩne, nõň ěst tĩbĩ cũrāē (11)

Senhór, a ti não se te dá? (Lc. 10,40).



Os excertos acima em latim com sua tradução para a língua portuguesa já nos mostram que, em tais fragmentos, há elementos próprios do verso, em especial o ritmo e o metro.

O ritmo sentimos logo na leitura, quando das pausas melódicas que se harmonizam de forma encadeada – é a cadência da elocução mesclada por variações rítmicas, o que tornou tais excertos para nossos “ouvidos” um verdadeiro verso, com estrutura rítmica, métrica e sônica.

Ora, o ritmo alterna sons tônicos com átonos, obedecendo a intervalos, pausas naturais e até mesmo intencionais.

En resumen; el metro es lo exterior, el ritmo lo interior; el metro es la regla abstracta, el ritmo la vibración que confiere vida, el metro es la Siempre, el ritmo el Aquí y el Hoy; el metro es la medida transferible; el ritmo la animación intransferible e incommensurable (Johannes Pfeiffer, *La Poesía*, p. 22; in: Hênio Tavares, *Teoria literária*, p. 180).

Perguntas, repetições, vocativos, uso de pronome de segunda pessoa reforçam a cada leitura a tônica dos textos vieirianos, o poético acima de tudo.

Por tudo o que foi dito nesta leitura fônica, parece que Padre Antônio Vieira, ao buscar esses recursos, cobre os seus sermões de um tom de solenidade querendo, desta forma, não só se aproximar como também conversar com Deus.

#### 2.2.4 O estrato morfossintático

Para essa leitura, que tem como foco a estrutura sintática, no limite da frase, e que acredita em que, na prosa de Vieira, qualquer que seja o recorte, estaremos diante da arquitetura sintática da prosa barroca vieiriana, exemplar para o século XVII.

Selecionamos, para o exercício da análise o primeiro período da 1ª parte do *Sermão do Bom Sucesso...*, que apresentamos na forma original produzida por Vieira e na sua reescritura na ordem SVO, preferencial na prosa moderna.

A forma original.

*Com estas palavras piedosamente resolutas, (referência à citação em Latim do Salmo XLIII que abre o sermão), mais protestando que orando, dá fim o profeta Rei ao salmo quarenta e três, salmo que desde o princípio até o fim parece senão cortado para os tempos e ocasião presente.*

A reescritura na ordem SVO.

O profeta Rei dá fim ao salmo quarenta e três, salmo que parece senão cortado para os tempos e ocasião presente, desde o princípio até o fim, mais protestando do que orando, com estas palavras resolutamente piedosas.

A comparação entre as duas escrituras mostra que, no século XVII, predomina a ordem inversa, em um estilo flagrantemente conceptista, que procura ressaltar determinados constituintes frasais em detrimento de outros. Daí pode-se depreender uma hierarquização na exposição das idéias.

Por exemplo, a frase inicia com um sintagma preposicionado, em função adverbial, que expressa a atitude do rei Davi, diante de Deus, ao questioná-lo sobre o abandono em que se encontrava o povo eleito. Assim, a fala se dá *com palavras piedosamente resolutas*. Levando-se em conta que Vieira, na sua ousada interpelação a Deus, se escudará sempre com excertos dos textos bíblicos, para proteger-se da acusação da prática de heresia, constata-se que não só a topicalização do sintagma preposicionado, em função adverbial, mas também a intensificação modal do adjetivo *resolutas*, no interior do sintagma, com o advérbio *piedosamente*, querem mostrar a postura que Vieira assume diante de Deus: humilde, mas contundente em sua elocução. Segue-se a alteração da estrutura sujeito/ predicado para predicado/sujeito a fim de mostrar a relevância da predicação face ao sujeito. Importa mais a finalização do que o sujeito que a pratica, o que se constata com as orações comparativas, *mais protestando que orando*, que podem ser lidas como modificadores tanto da expressão verbal “dá fim” quanto das *palavras resolutas* do profeta Rei. Acresce que o complemento verbal do verbo dar, *ao salmo quarenta e três*, é reiterado com uma extensa modificação oracional adjetiva, *que desde o princípio até o fim parece senão cortado para os tempos e ocasião presente*. Assim, essa leitura morfossintática desvela uma estrutura com predominância da inversão, inter-oracional ou no interior das orações, um jogo com os sintagmas que, – , além de corresponder ao estilo barroco, no caso conceptista, à medida que valoriza a predicação conceitual, também revela a força da palavra, como séculos depois a explicitaria Cecília Meireles:

“[...] Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência a vossa!  
Ai, palavras, ai, palavras,  
sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna,  
e, em tão rápida existência  
tudo se forma e transforma! [...]”

(Cecília Meireles. *Romanceiro da Inconfidência*.)

Por fim, com o objetivo de visualizar as estruturas acima referidas, procuramos mostra-las nas seguintes distribuições dos seus respectivos componente sintáticos:

A ordem SVO.

{O profeta<sup>1</sup> Rei[ dá fim ao salmo <sup>2</sup>quarenta e três( salmo que parece <sup>3</sup>senão cortado para os tempos e ocasião presente desde o princípio até o fim) mais protestando<sup>4</sup> que orando] com estas palavras<sup>5</sup> resolutamente piedosas.}

A ordem de Vieira.

{“ Com estas palavras<sup>5</sup> piedosamente resolutas (<sup>4</sup>mais protestando que orando) [dá<sup>2</sup> fim (o profeta<sup>1</sup> Rei) ao salmo quarenta e três (salmo <sup>3</sup>que desde o princípio até o fim parece senão cortado para os tempos e ocasião presente)]}”.

### 2.2.5 O estrato retórico

Em exercícios analíticos anteriores, nesses caminhos da leitura do texto poético, limitamo-nos às figuras de linguagem, em especial à metáfora, a mãe de todas elas. Sem dúvida, uma prática bastante restrita, se considerarmos a teorização da Retórica por Aristóteles, na sua obra perene Arte Retórica, criada, provavelmente em 336 a.C. Mas, quando queremos expor os processos da construção de sentidos praticados pelo padre Antônio Vieira, mesmo que seja em excertos de um dos seus famosos sermões, há de se considerar a Retórica em significação ampla, bem próxima daquela que lhe conferiu o Estagirita há mais de 2000 anos.

Sinteticamente: [...] *a faculdade de descobrir todos os meios possíveis de persuadir sobre qualquer assunto.*

Extensivamente:[...] *é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso pode ser capaz de gerar a persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir. [...] a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir.[...]*”

Para ocorrer a persuasão, segundo Aristóteles, é preciso considerar as provas empregadas pela Retórica e a qualidade delas. O filósofo grego as divide em dois grupos: as independentes da arte, *todas as que não foram fornecidas por nós, mas que já preexistiam, por exemplo, os testemunhos, as confissões obtidas pela tortura, as convenções escritas e outras de igual espécie.* Já as por ele chamadas de dependentes da arte são todas aquelas *que podem ser fornecidas pelo método (essencialmente o silogismo) e por outros meios.* Salienta, então, o que nos interessa muito de perto, três espécies de provas fornecidas pelo discurso:

- O caráter moral do orador.
- As disposições que se criaram no ouvinte.
- O próprio discurso, *pelo que demonstra ou parece demonstrar.*

Dessas espécies de provas, nos valeremos mais adiante, quando fizermos a análise do estrato retórico da 1ª parte do *Sermão do Bom Sucesso*...

Mas também pretendemos considerar a Retórica em sentido restrito, no que se refere ao estudo teórico das regras referentes ao “uso da palavra articulada”. Assim



procedendo, configurar-se-á uma ruptura com a Retórica como sistema tradicional e fixo, conforme dela trataram além de Aristóteles, Cícero no “DE Oratore” e Quintiliano em “Institutia Oratoria”, com destaque ao último que a sistematizou. Passa a ser a Retórica então o espaço das figuras e dos tropos, “as Flores Rhetoricales”.

Ainda sobre esse sentido restrito, é interessante lembrar que no Romantismo, ao desfaldar a bandeira da liberdade de criação, em franca oposição ao passado clássico, as figuras são qualificadas como meros adornos, e sofrem forte rejeição. O resgate da importância delas só se dará gradualmente, à medida que deixarão o campo da Retórica e se abrigarão no da Estilística. Enquanto isso, a arte retórica alcançará o mais alto grau de rejeição, quando passa a ser associada à prolixidade, à inutilidade, à enganação verbal.

Com esses pressupostos, passemos, então, à leitura que o estrato nos possibilita fazer, primeiro no sentido lato, conforme ensina Aristóteles, evidenciando as três espécies de provas fornecidas pelo discurso, para, em seguida, abordar, no sentido restrito, o uso das figuras e tropos, tomados, genericamente, como figuras de linguagem, mas não como meros adornos, no âmbito da palavra, do pensamento ou da organização, e sim como recursos de linguagem na construção de especiais efeitos de sentido.

É coerente ainda ressaltar que essas três espécies de provas aristotélicas atualizam-se, hoje, na relação Elocução > Discurso < Recepção, ou seja, Autor (escritor / orador) < Texto/Discurso > Leitor/ Ouvinte. Por conseguinte, tanto para o ato de escrever quanto para o de ler, o binômio conhecimento lingüístico-conhecimento de mundo determina a qualidade da produção textual, da mesma forma que determina a abrangência da recepção. Limitando-nos a situações emergentes da referida relação, enriqueçamos nossas leituras de Vieira, de acordo com as provas fornecidas pelo discurso. Por sua íntima relação, juntamos a 1ª com a 2ª:

O grau de confiabilidade do autor /orador e a recepção dos ouvintes (os fiéis).

Em 10 ou 11 de maio de 1640, na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, o padre Antônio Vieira iniciava seu Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda. A igreja está lotada; os fiéis aterrorizados, pois a cidade de Salvador encontra-se sitiada pela esquadra holandesa há meses. Falta tudo, até o acesso à água potável é perigoso; sobra o medo. Podemos imaginar a entrada de Vieira, então com 32 anos, um dos mais jovens jesuítas da Bahia. Pequeno, no púlpito se agiganta. Sua voz ecoa, dirige-se a Deus, não aos fiéis que o escutam. Primeiro na língua da Igreja, depois no vernáculo:

Exurge! Quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem.  
Quare faciem tuam avertis? Oblivisceris inopie nostrae et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum. (Salmo, XLIII)

(Levanta-te! Por que dormes, Senhor? Levanta-te e não repilas para sempre. Esqueces-te da nossa miséria e da nossa tribulação? Levanta-te, Senhor, ajuda-nos e redime-nos por amor do teu nome.)

Vieira é o 15º pregador a implorar a Deus que liberte a Bahia do cerco dos hereges protestantes. Todos pregaram com ardor, juntando suas palavras às preces dos fiéis. Mas dessa vez é diferente, o pregador comporta-se de maneira diferente. As palavras iniciais não são dele; são uma apropriação das proferidas pelo profeta Rei, no Salmo XLIII, adequadas às circunstâncias daquele momento. Vieira começa um processo analógico que se desenvolverá ao longo de todo o sermão, funcionando, como já se disse anteriormente, tal qual um escudo a proteger-lhe de seus inimigos dentro do próprio clero.

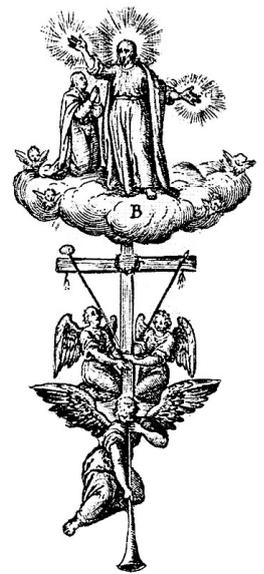
O povo confia no poder da oratória de Vieira de persuadir Deus. Perguntamos, então: O que credencia a confiança em Vieira, mais do que nos outros? Podemos citar algumas razões que, muito provavelmente estavam presentes no imaginário dos fiéis:

- \* Os antecedentes de Vieira: a lenda.
- \* As práticas missionárias
- \* O método empregado nas pregações.

#### 2.2.5.1. A lenda e a prática missionária

Como se sabe, Vieira nasceu em Lisboa, em 6 de fevereiro de 1608 e veio com a família para o Brasil em 1614, ou seja, com 6 anos. Foi estudar, no Colégio dos Jesuítas da Bahia, os primeiros rudimentos e Humanidades. Era estudante inteligente, atento, provido de muita fé, mas não obtinha bons resultados. Eis que ocorre um verdadeiro milagre, para muitos uma lenda. Deixemos que seu biógrafo, João Francisco Lisboa, o relate:

*[...] Mal desembarcou na Bahia, começou este (Vieira) a estudar os primeiros rudimentos e humanidades, freqüentando as escolas dos jesuítas, que floresciam então ali, como em toda parte, com grande aproveitamento da mocidade. Mostrava-se Antônio Vieira assíduo e fervoroso nos estudos, e lidava deveras por avantajar-se aos demais seus condiscípulos, mas conta-se que nos primeiros tempos, apesar da natural vivacidade que desde os tenros manifestara, não pudera fazer grandes progressos, pelo não ajudar a memória, rude e pesada, e como toldada de espessa nuvem. Era o estudante grande devoto da virgem; e um dia que, ajoelhado ante a sua imagem, e cheio de pesar e abatimento que lhe causava aquela natural incapacidade, a implorava em fervorosa oração para que o ajudasse a vencer semelhante obstáculo, de repente sentiu como um estalo e dor aguda na cabeça, que lhe pareceu que ali acabaria a vida. Era a virgem que sem dúvida escutara e deferia a súplica ardente e generosa; e erro o véu espesso que trazia em tão indigna escuridade aquele juvenil engenho, que num momento se rasgava e desfazia para sempre. Guiou dali Vieira para a escola com grande alvoroço, e sentiu-se tão outro o que fora até então, que logo animosamente pediu para argumentar com os mais sabedores e adiantados. E a todos venceu e desbancou, com entranhável assombro do mestre, que bem conheceu naquilo grande novidade. Assim o referem pelo menos as crônicas da ordem; se a anedota não é verdadeira, é pelo menos calculada para dar uma cor romanesca e maravilhosa aos primeiros lampejos deste engenho novel, que mais tarde havia de deslumbrar o mundo pelo seu extraordinário fulgor.[...]*



Com o famoso estalo, ou não, o fato é que Vieira passa a se destacar entre a mocidade de Salvador e seus pais têm grandes planos para o seu futuro, entre os quais não estava a carreira religiosa. No entanto esta era exatamente a escolha de Vieira. Por isso, aos 15 anos, fugiu de casa para o Colégio dos Jesuítas, onde se preparou para o noviciado e professou dois anos depois, mas se ordenou somente em 1635, quando celebrou sua primeira missa. Antes disso, embrenhou nas selvas da Bahia, durante cerca de cinco anos a fim de cumprir o que considerava ser, à época, sua missão mais importante: catequizar os índios. É relevante também o fato de que Vieira talvez tenha sido o primeiro intelectual a se posicionar, no Brasil, contra a escravidão negra.

Juntando-se o possível milagre da memória, atribuído à Virgem Maria, cuja repercussão deve ter sido muito grande na pequena comunidade soteropolitana, com o brilhantismo como estudante e professor nos colégios dos jesuítas – ensinava Retórica, aos 18 anos, no colégio de Olinda – e o trabalho como missionário na selva, é possível avaliar o quanto era famoso e prestigiado naquele 10 ou 11 de maio de 1640. Parece-nos bem claro o porquê do caráter moral orador e a credibilidade que desfrutava quando sobe ao púlpito para proferir o Sermão do Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda.

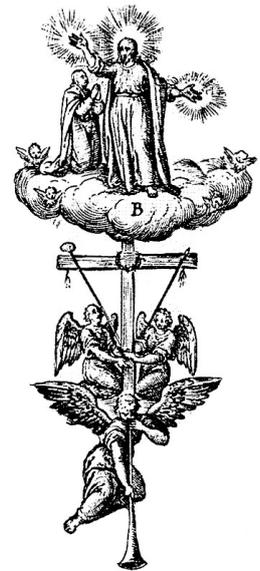
- O Método: A Eloquência.

Sem dúvida, está na linguagem o poder de persuadir do padre Antônio Vieira, em todos os seus sermões, mas notadamente neste que estamos lendo pelos caminhos abertos por meio do estrato retórico. É importante considerar que o Vieira que está no púlpito, em 1640, além do caráter moral ilibado e da confiança que nele depositam seus fiéis, já é consagrado professor de Retórica, disciplina que então segue a tradição greco-latina. Muito do que lemos é a prática de uma especial argumentação diante de um interlocutor onisciente e onipresente. Então, em que consiste essa singular argumentação?

Primeiro, como já foi por nós reiterado, vale-se do que hoje chamamos de argumento de autoridade. Para o padre, esse tipo de argumento teria o poder de convencer Deus da necessidade de proteger os católicos portugueses da ameaça dos hereges holandeses. E como fazê-lo? O texto demonstra, usando exatamente as falas de profetas do Antigo Testamento, palavras religiosamente verdadeiras e inquestionáveis, sobretudo as do profeta Rei Davi. Lembremo-nos de que, nessa parte da Bíblia, temos historicamente o relato das vicissitudes sofridas pelo povo eleito, os judeus, e as ações de um Deus ora protetor ora vingativo. Não espanta, portanto, que Vieira traga, analogamente, o passado para o presente de 1640. Entende o jesuíta que a palavra e o comportamento de Deus corresponde sempre a verdade. Daí a recorrência ao Salmo XLIII, ao episódio em que os filhos de Israel estão sendo subjugados e espoliados por povos pagãos, e Davi clama por justiça e misericórdia.

Essa estratégia de recorrer ao Antigo e também ao Novo Testamento não se limita a Davi, embora o salmista predomine. Recorre também ao profeta Daniel, a São Paulo (epístola aos romanos e aos efésios) ao Êxodo, a Jó, a Josué, a Jeremias, a Malaquias, mas sempre com o objetivo de mostrar a Deus o quanto fora misericordioso no passado. Há uma inegável associação do povo de Israel com os portugueses, ambos eleitos, segundo Vieira, para a glória de Deus.

Além do argumento de autoridade, no caso divino, Vieira vale-se do método parênético, ou seja, a verdadeira arte de pregar, a eloquência...No *Sermão do Bom Sucesso*, a parênese, a exortação moral, é basicamente conceptista, um pouco afastada da *efusividade do elemento imagístico, entrecruzando-se por todo o discurso os símiles, as metáforas e alegorias, com tal profusão de volutas e arabescos, que aí se encontra um dos mais expressivos exemplos em prosa portuguesa, daquela serpentinada, em que exuberava o estilo barroco na arquitetura desde Miguel Ângelo.*(Eugênio Gomes, 2002,16). Mas se carece da abundância de metáforas, abundante, por exemplo, nos posteriores Sermão da Sexagésima e do Mandato, o do Bom sucesso constrói-se com apóstrofes nessa primeira parte, a maioria empregada por Davi, porém, a partir da segunda parte, serão elas do próprio jesuíta, interpelando Deus e, ao mesmo tempo, ora com humildade ora com atrevimento, pedindo ou exigindo a proteção divina para os portugueses. Tudo isso construído com a **fôrma** sintática barroca em que predominam as inversões. Eis-nos, então diante de alguns aspectos da retórica de Vieira, fiel á herança clássica, construtores da eloquência do pregador diante dos seus aterrorizados ouvintes. Este sermão que nos alcança e nos concede, como leitores, o prazer da prosa de Vieira, leva-nos, também, à reflexão sobre a dicotomia que se evidencia em seus sermões: “ouvidos de ver” e ouvidos de pensar”.



\* As Flores Rethoricales: A linguagem figurada.

Embora este Sermão do Bom Sucesso... esteja pela linguagem empregada mais coforme com o conceito vieiriano de “ouvidos de pensar”, é fato que, nessa primeira parte, estão presentes, na construção de efeitos de sentido, muitas das chamadas figuras de linguagem, cuja leitura e significação, passamos a destacar:

a) As inversões (hipérbatos)

Essas alterações da sintaxe de ordem bastante comuns nos clássicos dos quinhentos e, notadamente, dos seiscentos, já mostrada na leitura do estrato morfossintático, constitui no que vimos denominando de *fôrma sintática* preferida pelos escritores barrocos e que se estende do hipérbato à sinquise, sendo esta hoje rejeitada pela enorme dificuldade para o leitor reconstituir, de imediato, a ordem direta, para que a compreensão e interpretação, de fato, ocorram. Na prosa de Vieira, dificilmente encontraremos a sínquise, ainda que, embora combatendo o cultismo no púlpito, tenha, vez por outra, cedido ao fascínio da intensa metaforização. Mas deve-se falar, e muito, em hipérbatos de toda ordem: inversões entre os constituintes da oração, entre orações, entre frases. Sem dúvida esta *fôrma sintática*, marca do barroco, sempre nos propicia uma imagem de elegância e relevância de certos termos, quando lemos os clássicos.

Para exemplificar as inversões, selecionamos o seguinte excerto:

{[Os que tão costumados éramos<sup>5</sup> a vencer e triunfar<sup>5</sup>], [não por fracos<sup>6</sup>, mas por<sup>6</sup> castigados], [fazeis<sup>1</sup>] que voltemos as costa a nossos<sup>2</sup> inimigos] (que como são açoites de vossa<sup>3</sup> justiça], justo é que lhe demos as<sup>4</sup> costas), e perdidos os [que antigamente<sup>7</sup> foram despojos do nosso valor], [são agora roubo<sup>8</sup> de sua cobiça]}

Na construção desse período, encontramos a subordinação e a coordenação sintática, com o predomínio da primeira. Para mostrar a inversão e, em uma possível e necessária ação imediata, recuperar, como leitores, a ordem direta, estabelecemos uma numeração para mostrar as inversões. Quando ocorre a coordenação usamos o mes-

mo número para as orações. Com isso, cremos ter podido mostrar a complexidade da **forma sintática**, resultante das inversões, importantes na elocução de Vieira, visto pôr, em relevo, as idéias por ele julgadas mais destacáveis. Assim, por exemplo, a anteposição da situação de vencedores à de vencidos; a qualificação dos vencidos como rejeitados por Deus: *não por (serem) fracos, mas por (serem) castigados*. A colocação da oração principal, "fazeis", em meio ao longo período. A causal entre parênteses, a justificar a necessidade de dar às costas ao inimigo para receberem o açoite da justiça e, por coordenação, a valorização dos despojos obtidos pelos portugueses, paralelamente àqueles obtidos pelos hereges holandeses, qualificados como "roubo de sua cobiça".

b) Repetições: pleonasmos.

Destacamos dois exemplos bastante expressivos, em que a repetição busca mostrar de forma a não deixar qualquer dúvida, no primeiro caso, sobre o instrumento da ação e, no segundo caso, sobre o destinatário da ação.

*Ouvimos (começa o Profeta) a nossos pais, lemos nas nossas histórias e ainda os mais viram, em parte, com seus olhos, as obras maravilhosas, as proezas, as vitórias, as conquistas, que por meio dos portugueses dos portugueses, obrou em tempos passados vossa onipotência, Senhor.*

*Todos estes dias se cansaram debalde os oradores evangélicos em pregar penitência aos homens; e, pois, eles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós.*

c) As figuras de pensamento.

Selecionamos, aqui, as antíteses, pelo que contribuem no discurso argumentativo para a progressão das idéias por meio de relação de confronto, de oposição.

[...] *e perdidos foram despojos do nosso valor, são agora roubo da sua cobiça.*

[...] *e por que se esquece da nossa miséria e não faz caso de nossos trabalhos.* [...]

*Tão presumido venho da vossa misericórdia, Deus meu, que ainda que nós somos os pecadores, vós haveis de ser o arrependido."*

d) As figuras de palavras.

Em nossa leitura, embora pequena, a colheita foi significativa, lembrando de nossa avaliação de ser o Sermão do Bom Sucesso... um perfeito exemplo do concepetismo vieiriano.

\* Metáforas.

*Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações bárbaras, belicosas e indômitas, e as despojou do domínio de suas próprias terras para nelas os plantar, como plantou co tão bem fundadas raízes, e para nelas dilatar como dilatou e estendeu em todas as partes do mundo.*

*Não fora tanto para se sentir, se, perdidas fazendas e vidas, se salvara ao menos a honra; mas também esta a passos contados se vai perdendo; e aquele nome português, tão celebrado nos anais da fama, já o herege insolente com as vitórias o afronta e o*

*gentio de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza.*

*É este o último de quinze dias contínuos, em que todas as igrejas desta Metrópole, a esse mesmo trono de vossa patente Majestade, têm representado suas deprecações; e, pois, o dia é o último, justo será que nele se acuda também ao último e único remédio.*

*E na casa da Senhora da Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis. [...]*

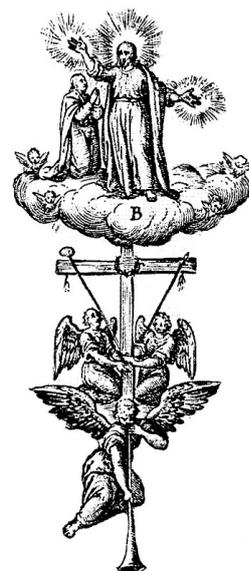
\* Metonímias.

*Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações bárbaras, belicosas, indômitas [...]*

*Porque não foi a força do seu braço, nem da sua espada a que lhe sujeitou as terras que possuíram e as gentes e reis que avassalaram, senão a virtude de vossa destra onipotente e a luz e o prêmio supremo de vosso beneplácito, com que nele vos agradastes e deles vos servistes.*

- Antonomásia.

*O Doutor Máximo São Jerônimo e depois dele os outros expositores, dizem que se entende à letra de qualquer reino ou província católica, destruída e assolada por inimigos da Fé.*



### 3 A leitura polifônica

Conforme ensina Bakhtin, todo discurso é a conjugação de diversas vozes que ressoam, muitas vezes como uma só voz, ou soam, individualmente, quando se explicitam vozes; esse caso ocorre o que podemos chamar de um coro. O fato é que, se há um discurso com uma única voz, essa seria a de Deus, o Criador. No texto, em análise de Vieira temos, predominante a imagem do coro. Isso se revela, inicialmente com o propósito do sermônista de se valer do Salmo XLIII do profeta Rei Davi. Assim, a primeira parte do Sermão se desenvolve sempre a partir de uma citação em Latim, do referido profeta. As palavras de Davi funcionam como um escudo protetor para o orador sujeito ao patrulhamento da Santa Inquisição. Além dessa voz deliberadamente explicitada e não comentada, surge, logo no primeiro parágrafo, a voz de São Jerônimo, o Doutor Máximo aludida pelo jesuíta. Já mais para frente, surge a voz de São Lucas no episódio entre Jesus e Marta. Esse conjunto de vozes associadas à de Vieira não só caracterizam o texto como religioso católico, como também confere a argumentação a condição de verdadeira, não questionável. Por outro lado, possibilita a ousadia do padre Antônio Vieira de questionar Deus e responsabilizá-lo pelo infortúnio português.

#### 4 A Conclusão

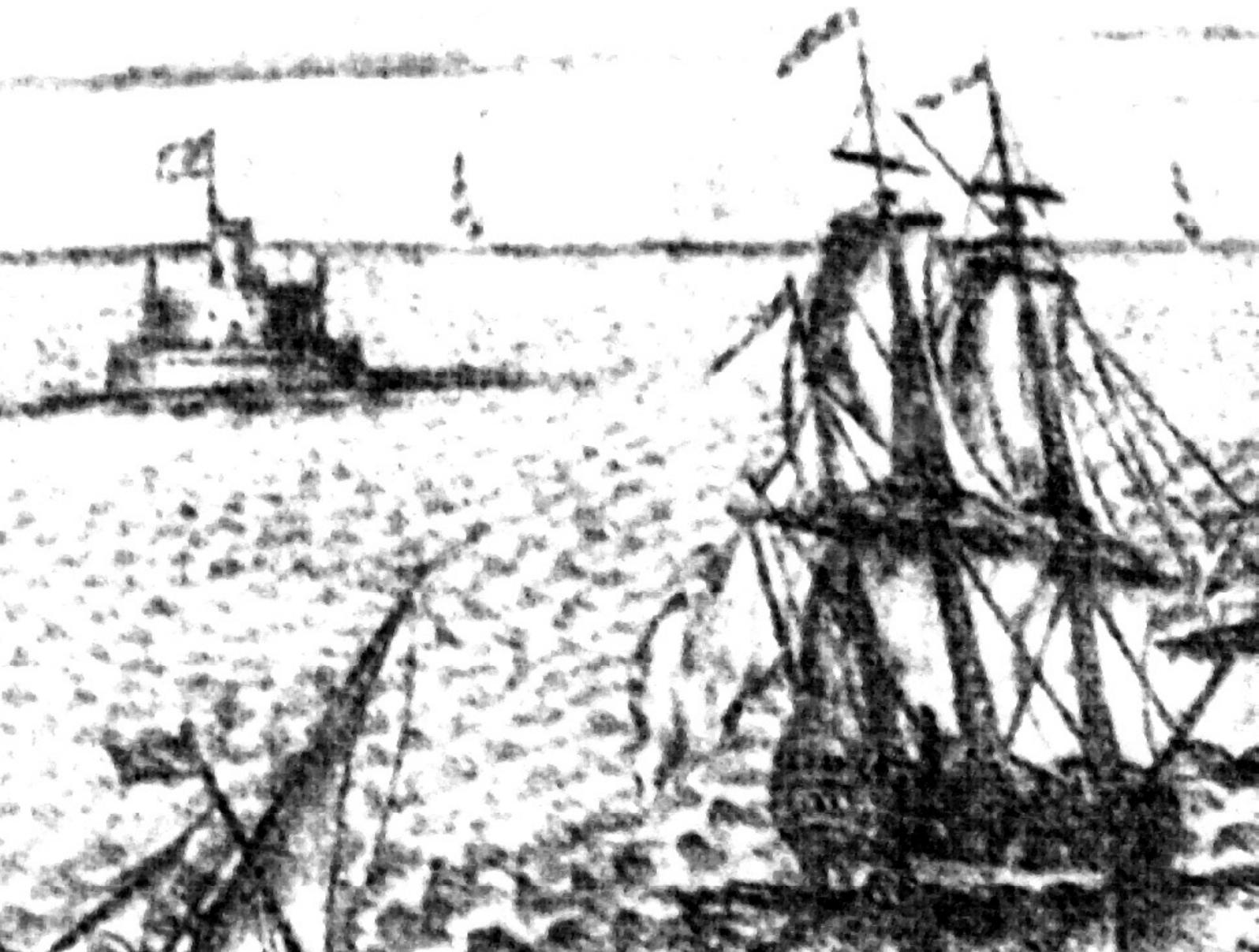
Terminar não é fácil, ainda mais um trabalho colocado à disposição de leitores especializados, altamente proficientes, nossos colegas de Letras de todo o país, empenhados, como nós, na formação de professores, com a expectativa de melhorar a qualidade do ensino da Língua e da Literatura. Aos outros leitores, nosso recado a seguir:

Esse trabalho, ao qual denominamos de Encontros Com Vieira nasceu de nossa memória, do abrir nosso baú da saudade, cada vez mais cheio, em nosso caso. Na prática da sala de aula, um exercício analítico, como esse que eu e a colega Rosa Assis tivemos a ousadia de realizar, claro, com textos bem menos extensos, implicam, a rigor, uma síntese, a partir da revelação do tema central e dos temas subjacentes, bem como dos sentidos encontrados na leitura dos estratos e da polifonia: um trabalho de produção textual.

Para esse nosso trabalho, concluímos com uma afirmação, como em tudo nele de nossa inteira responsabilidade, e com um aconselhamento ao leitor, aluno de Letras, ou de outros cursos, ou ainda apenas um leitor interessado:

A afirmação: Os textos de Vieira, em particular o *Bom Sucesso...*, mostram o religioso, o fervoroso, o missionário em busca de mais almas para a Igreja Católica, o político, o diplomata e o visionário, capaz de sonhar com o Quinto Império.

O aconselhamento: Leiam os Sermões e as Cartas de Vieira. Leiam os clássicos!



## Referências

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d.

BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e linguagem*. São Paul: Hucitec, 1997.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática 1989. p.55.

COELHO, Geraldo Mártires. Choques culturais na Amazônia seiscentistas: colonos, padres, índios... Antônio Vieira. *Revista Asas da Palavra*, v. 10, n.23, 2008.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LISBOA, João Francisco. *Vida do Padre Vieira*. São Paulo: W.M. Jackson inc., 1960.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MOREIRA, Eidorfe. *Os Sermões que Vieira pregou no Pará*. Belém, Imprensa Universitária, 1970.

RAMOS, Maria Luíza. *Fenomenologia da Obra Literária*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

